

Mosaico de um alter ego

Josimey Costa
Jornalista

Pela janela, posso ver que o orvalho deposita lágrimas nas capotas dos carros. A luz do sol é branca, denunciando a manhã ainda nova. Uma multidão caminha na rua, como um bando de formigas bem treinadas, seguindo umas às outras na mesma direção. Nenhum outro horário do dia é tão concorrido pelos pedestres como este. Mas aquele desfilar contínuo de homens e mulheres em conjuntos de malha descombinados, fazendo ginástica matinal com a concentração de nazistas, logo me desinteressa. Volto os olhos para dentro. Entre as cinzas, a guimba do cigarro já está a fria há muito tempo. Hora de ir ao banheiro. A cerveja escorre límpida na urina raiada do sol amanhecendo. Não há quem não conheça essa sensação de alívio, esse quase prazer.

Começo a fazer minhas abluções mentais, pensando que elas não ocorrem pela manhã. Pelo menos, não ocorriam até agora. O meu ritmo, logo ao acordar, tendeu sempre a ser mais lento do que o de uma preguiça escalando uma sequóia. Se é que alguém algum dia conseguiu juntar uma preguiça e uma sequóia. Hoje, no entanto, eu amanheci sem ter dormido. Estou, portanto, o suficientemente acordado. Posso perceber claramente as barras do ego, tão cego e só dentro de mim.

O espelho, sobre a pia do banheiro, é um navio onde os fantasmas rolam os olhos. Fecho os meus para a minha cara por barbear. É preciso uma ponte suspensa entre os vícios e os indivíduos. Melhor: ponte pênsil. Se o vício ameaça o siso, baixa-se a ponte para que os indivíduos troquem os vícios. Com os vícios novos do indivíduo que está bem ao lado, é possível adiar um pouco mais a insanidade completa.

A água do chuveiro está gelada. Ontem, a resistência queimou e eu só pude trocar um olhar estúpido com aquele chuveiro inacreditavelmente caro e imprestável. Portanto, nesta lúcida manhã de maio, devo enfrentar a realidade carente de qualquer tepidez. Sim, eu só tenho uma verdade e ela não me basta. Há nessa minha verdade uma tendência à autoflagelação e ao escapismo mais vulgar quando as coisas não dão certo. Como as coisas quase nunca dão certo e sendo minha verdade apenas uma, quando ela se vai, sobra bastante lugar vazio.

Invoco a noite de ontem antes do banho frustrado. Logo cedo, a verdade fez uma das suas fugas mais espetaculares. Eu, de repente, sobreí na curva. E derrapei. Desde então, estou sentado no meio-fio pensando que não existe, no meu instinto maternal, o aconchego das bonecas de plástico duro, nem o acalanto das cálidas bruxas de pano. Não existe maternidade pré-fabricada no meu instinto. Tenho, sem poder, um útero imaturo que está repleto de sombras obscurecidas pelo mundo. A morte é invenção alheia, mas não há como fugir dela quando dela se vive pela metade. Se não posso viver tudo, devo mesmo estar meio morto.

Já que a minha verdade fugiu e não deixou rastro, preciso tomar café. O pão já tem dois dias de feito. A manteiga está rançosa. Todo o pó que eu tenho dá apenas para uma colherzinha. Ainda por cima, é solúvel. Desisto. Entro no carro com a verdade ausente e a barriga vazia. E o carro não quer pegar.

Sinto-me ferver por dentro. Por isso, saio do carro muito devagar. Qualquer movimento mais brusco pode destampar a panela de pressão e o vapor deve sair lentamente, muito lentamente. Abro o portão e encaro a rua. Os caminhantes me

olham disfarçadamente. Talvez eu devesse ter calçado um sapato sem salto. Ou, pelo menos, de um tom mais discreto que o vermelho. Paciência. Não posso procurar a minha verdade sem causar um certo escândalo. De resto, todos sabem que voar vai além do quanto permite a envergadura da asa.